

classes populares são chamadas a participar, com certas restrições, da vida intelectual e artística.

Aqui, excepção feita da Banda de Musica da Guarda Republicana, que executa programas artisticos, do Coliseu dos Recreios com as companhias de óperas e alguns orfeons, não há agremiações que procurem dar ao povo uma cultura musical, razoável que seja.

Devemo-nos opôr, por todos os meios, que S. Carlos seja cedido sem a obrigação, para quem o explore, de dar algumas récitas populares.

Ivo Cruz

No proximo numero:

Entrevista com o maestro Ruy Coelho
por José Dias-Sancho

As conferencias da semana

“A função do teatro atravez os
tempos”, pelo dr. Agostinho
Fortes

Erudita, carregada de preciosos materiais a atestar a copiosa soma de conhecimentos da historia do teatro e a sua evolução até ao inevitavel «Frei Luiz de Sousa», a palestra do sr. Agostinho Fortes, na Sociedade Nacional de Belas Artes, teria sido uma magnifica conferencia, se não tivesse a prejudicá-la

a avalanche de vícios intelectuais da análise positivista da história, e a feição didática, obsoleta, por que se regem ainda os nossos cursos superiores.

Essa avalanche, caindo pesadamente sobre tão fortes materiais de elucidação histórica, reduziu-os a uma nuvem de poeira, envolvendo o rolar monotono de um edificio em estilhaços, tal era a nitida impressão do deslizar de factos, de nomes e ciclos, em que a história se confundia com arqueologia, a arqueologia com a técnica primitiva, numa prolixidade difusa, que afastava para as regiões da hipótese o assunto essencial, a ideia fundamental que deveria orientar o estudo da função do teatro através os tempos.

Esta desorientação fez que o conferente se perdesse, e dois terços da conferencia fôsem ocupados com a análise do teatro grego, relegando para um espaço de meia hora, o estudo do teatro moderno, muito mais apropriado para a fixação do verdadeiro papel do teatro, como função estética, pedagógica, pela revelação mais nitida dos caracteres, e por uma mais intensa luta pela reabilitação humana.

Sem duvida, o teatro grego é um campo vastissimo de ensinamentos, ainda que o limitemos ás origens da tragedia, com as audacias formidaveis da sua simbologia, que palpita ainda na obra de Ibsen e Shakespeare.

Para o estudo da função do teatro através os tempos, que tal era o tema da conferencia, era este o assunto verdadeiramente a destacar, já porque era o mais empolgante, e logo mais objectivo, como ainda, porque é na tragedia grega, que sob a forma de deuses, herois e sombras, o teatro sai das suas formulas ingenuas de festejos cultuais, para entrar na acção conflituosa do homem com os elementos, as leis, as paixões, encadeando-se sob os mais tiranicos aspectos, encobertos com o eufemismo da Fatalidade.

Resultaria assim, a conferencia, uma análise expressiva, atraente, que revelaria aos trabalhadores de teatro e aos *mirones* das *premières* a função do

teatro, nas suas origens, e a responsabilidade que lhes cabe de em pleno seculo XX, fazerem do teatro romano, em que a plebe, ignorante e grosseira, aplaudia as chufas e momices de uma literatura falada, que muito se assemelha á exhibição das nossas revistas.

O sr. Agostinho Fortes nada nos disse da simbologia do teatro grego, e não aproveitou como devia a sua cultura, a analyse sociologica da tragedia grega, que deu a Nitzche, talvez as mais curiosas paginas da sua obra.

Rica, embora, de detalhes, esta parte da sua conferencia, perdeu-se em minucias que muito aproveitam ao estudo de encenação, da tecnica e até da sociedade do tempo em que floresceu Pericles, Socrates e Aristofanes, mas em que amortece a interpretação das correntes, das tendencias e do papel do teatro na antiguidade.

A ideia de unidade nacional que os gregos transplantaram para o teatro, fazendo da literatura dramatica um veiculo de propaganda; ou o poder combativo da comedia, que levou Socrates á morte, por influencia duma comedia de Aristofanes, factos que o conferente apresentou no decorrer das suas elucidações, não tiveram o efeito que seria justo iluminar uma tão solida envergadura de erudito.

Onde a sua conferencia é mais interessante, é nas fugas á cerrada demonstração de factos historicos, para uso dos alunos da Faculdade de Letras. Entretanto no teatro romano, o conferente deixou escapar esta curiosa afirmação:

«O teatro não é para todos os povos. Ele requiere um povo com accentuadas tendencias esteticas.»

Muito bem.

O teatro em Roma, só viveu de imitações, dos gregos. Roma não teve teatro seu. Não fôra o teatro grego estar em moda, e Plauto e Terencio não teriam sido representados, chegando até nós como marcos

assinalando a existencia duma literatura teatral entre os romanos.

Esta afirmação é valiosa, mostrando-nos bem como entre nós, a falta de cultura estetica, explica a avalanche de traduções e decalques do teatro francês. Segue-se a analyse do teatro da idade média e ahí voltamos á leitura lenta, ás narrações de compendio, numa sucessão de factos sem apreciação, sem vida, olhando apenas a parte cronologica. Gil Vicente, as suas ideias, o character da sua obra, a sua influencia na arte, a sua luta pela defesa da lingua e de todas as tradições, os seus sarcasmos demolidores, a sua alegria leve, que a invasão pratica amorteceu, seria tambem uma esplendida demonstração do extraordinario poder da literatura dramatica. Com a preocupação do relógio, o sr. Agostinho Fortes, saltou sobre o character social do teatro vicentino. Antonio José da Silva não lhe merece referencia.

O romantismo, a revolta dos sentimentos contra a razão, posta ao serviço do culto da liberdade, correspondendo, entre nós, a um periodo de renovação da sociedade portuguesa, agitada por um sôpro de liberalismo, áparte as eruditas e compactas citações, arranca-lhe uma afirmação que merece a atenção de quantos se interessam pela evolução do teatro português e a sua função, como elemento de elevação e criação de caracteres: «A renovação teatral, iniciada com Garrett, padece de um defeito de origem. Apoiouse em convenções, em vez de fixar a vida. Os seus continuadores fizeram polemica, comicio, não olhando ás realidades da vida nacional.»

Saindo dos limites impostos pela accumulção dos factos sem a ideia correspondente, a conferencia fechou, com muito brilho, afirmando o conferente que entre nós o teatro tem uma função immediata: a criação de caracteres, como principio de renovação duma sociedade que se decompõe.

Sempre que o sr. Agostinho Fortes exprime uma opinião, ella é sempre a expressiva afirmação do con-

traste entre o pensador e o professor embuido dos velhos vícios intelectuais, que são afinal um defeito de classe.

Quanto à exposição das ideias do teatro livre, o teatro filosofico de Cúrel e Ibsen, não houve a minima referencia, porque o relógio estava na verdade, ameaçador...

Eduardo Frias

A REVISTA PORTUGUESA publicará no proximo numero um desenho do pintor Carlos Porfirio e a VIDA INTELECTUAL BRASILEIRA, nova secção pelo Dr. Ruy Gomes

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE POR CORRESPONDENCIA

Peçam os prospectos do Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia, L. Trindade Coelho, 6—Lisboa, e as condições para a matricula nos cursos nele professados. Este Instituto tem alunos em todo o continente, ilhas, colonias, Brasil, Estados Unidos da America e outros paises